

VENENO

Signos do Amor ♎

MIA SHERIDAN





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Este livro é dedicado à minha filha, Lila Anne.
Ouça sempre seu coração, quebre as regras de vez
em quando e saiba que você é amada. A vida é uma
loucura, garotinha, exatamente como deve ser.

Escorpião é o único signo que possui três animais diferentes como símbolo, cada um representando um estágio distinto de sua transformação. Primeiro, o próprio escorpião, representando a energia bruta do signo. A picada desse animal é uma defesa e uma reação e, com frequência, por causa de sua natureza egocêntrica, ele é completamente alheio aos efeitos de seus atos. Quando o escorpião aprende a controlar sua picada e a conter seus instintos, ele se torna a águia, que, embora insensível, tem mais perspectiva: ela voa, usando sua força de forma deliberada, com um propósito. Por fim, a águia se transforma na pomba, uma criatura serena, reconhecida por todos como um símbolo da paz e uma líder de valor. A pomba só se torna pomba após conseguir o que mais deseja no mundo. A pessoa de Escorpião, mais do que qualquer outra, tem a habilidade de transformar o veneno egocêntrico em amor universal.



O Escorpião

capítulo 1

LAS VEGAS, NEVADA

Grace

Quando entrei no luxuoso Bellagio Hotel & Casino, cansada e desarmada após o voo, vi duas placas avisando aos hóspedes sobre os eventos que ocorreriam no fim de semana. Lá estava aquele do qual eu iria participar, a Conferência da Associação Internacional de Estudantes de Direito; o outro era a Expo Entretenimento Adulto. Olhei algumas vezes de uma placa para outra e franzi o cenho. Ora, aquilo era... interessante. *Acho que isso é Vegas*, pensei. Estudantes de direito, estrelas pornô, alienígenas de planetas distantes... Não demorei muito para perceber – bastou atravessar o aeroporto, na verdade – que, no que se referia à Cidade do Pecado, choque de valores era algo que praticamente não existia.

Se eu não tivesse concluído isso por causa do homem sem calça que os policiais perseguiam pelo aeroporto quando desembarquei, então com certeza teria entendido ao ver um sócia do Elvis de fio dental passar de patins voando por mim quando desci da van em frente ao hotel.

– Você não está mais no Kansas, querida – dissera o motorista, rindo, quando virei a cabeça para observar o Elvis seminu se afastar deslizando.

Aparentemente, não estava mesmo.

Caminhei pelo saguão boquiaberta e de olhos arregalados. O teto era repleto de fantásticas flores de vidro – centenas delas, em todas as cores possíveis. Joguei a cabeça para trás e andei em círculo, incapaz de desviar o olhar daquela obra de arte tão linda. Como diabos elas foram instaladas? Então, após passar um minuto maravilhada, voltei a olhar para a frente e segui para o balcão da recepção.

Fiquei tão abismada com as colunas de pedra, a exposição de flores frescas e os balões de ar flutuando atrás do balcão que quase não ouvi a recep-

cionista me chamar. Empurrei a minha mala de rodinhas até o balcão e sorri animada para a moça.

– Meu nome é Grace Hamilton. Fiz uma reserva.

– Certo, vou procurar seu nome – disse ela, devolvendo o sorriso. – Ah, aqui está. Veio para a conferência que começa amanhã?

– Sim.

– Qual é a sua faculdade? – perguntou a mulher, após pedir meu cartão de crédito e passá-lo rapidamente na máquina.

– Georgetown – respondi e peguei o cartão de volta.

– Ótima escolha! Bem, aproveite a estadia. Seu quarto é no 26º andar e sua reserva vai até segunda-feira. O check out é realizado até o meio-dia. Esta é a pasta para os hóspedes que vieram participar da conferência. Dentro dela você vai encontrar a programação, um crachá de identificação e outras informações de que vai precisar durante o fim de semana.

A recepcionista me entregou os documentos e sorriu outra vez, enquanto gesticulava para que a próxima pessoa na fila se adiantasse.

– Obrigada – respondi.

Peguei a mala e me dirigi aos elevadores. Quando virei em uma esquina, bati com força num peitoral masculino musculoso.

– Ai, meu Deus! Desculpe! – exclamei e ergui os olhos.

– Não, eu que peço desculpas... – começou a dizer o homem junto comigo.

Nossos olhares se encontraram e ficamos em silêncio, eu encarando-o, ainda confusa, e ele me amparando, as duas mãos em meus braços.

O homem devia ter a minha idade, com cabelo cor de areia um pouco longo demais, encaracolado nas pontas, e um rosto bonito que conseguia ser ao mesmo tempo másculo e travesso. Rude e belo. Os olhos castanho-claros eram emoldurados por cílios longos e escuros, o nariz era reto e os lábios carnudos se curvavam em um meio sorriso.

Olhei para baixo brevemente a fim de observar o resto do corpo do homem, esguio mas musculoso, usando uma camisa social branca com as mangas enroladas e um jeans escuro.

Ele me encarou por alguns segundos e sua expressão pareceu se suavizar quando meu olhar voltou a encontrar o dele. Seu sorriso ficou mais largo, revelando uma covinha no lado esquerdo. O homem olhou para mim e se abaixou para pegar a chave do meu quarto, um cartão magnético que eu deixara cair quando nos esbarramos.

Enquanto o observava, fui tomada por uma estranha sensação, quase um déjà-vu, como se já tivéssemos nos encontrado antes. Franzi o cenho, me perguntando se ele também seria um estudante de direito e se eu o vira de passagem na faculdade. Será que ele estava ali para a mesma conferência?

O homem endireitou o corpo, virando-se na minha direção, e ficamos frente a frente. Quando ele me entregou o cartão, consegui ver que usava um crachá.

– Ah, você *veio* para a conferência! – exclamei. – Achei que talvez...

Foi então que li: “Carson Stinger, ator heterossexual, Expo Entretenimento Adulto”. Encarei as palavras por alguns instantes, digerindo-as, e voltei a olhar para ele. O homem agora forçava um sorriso e sua expressão já não portava a mesma suavidade de antes.

Pigarreei e endireitei a postura antes de voltar a falar:

– Então, me desculpe mais uma vez pelo... ahn, por não ter olhado para onde... – Voltei a pigarrear e recomecei: – Bem, divirta-se... Aproveite o show – falei, gesticulando na direção do crachá. – Ou melhor, não o show, mas o... Bem, aproveite o fim de semana.

Que diabos havia de errado comigo? Nunca tinha ficado atrapalhada desse jeito! Tinha escolhido cursar direito porque sou boa em encontrar as palavras certas sob pressão. E aí um ator pornô bonitão me abalava tanto que eu mal conseguia articular uma frase coerente?

Nesse momento ele caiu na gargalhada, o que fez a covinha em sua bochecha ficar mais funda.

– Farei isso, flor. Aproveite o seu fim de semana também. Deixe eu adivinhar: está aqui para a Conferência de Direito?

Já me adiantava para passar por ele, mas parei ao notar a forma como ele falara e o óbvio divertimento em sua voz.

– Sim. Algum problema?

– Não, de forma nenhuma. Parece que nós dois estamos aqui para aprender a sermos os melhores no gozo do nosso trabalho.

Estreitei os olhos diante do comentário.

– Olha... esse é um modo bem desagradável de expor a situação.

Ele se aproximou de mim até eu me ver forçada a recuar.

– Por quê? Isso é tudo o que as pessoas querem, flor. Não se envergonhe de fazer bem-feito.

Tossi e estreitei os olhos. *Argh!* Esse homem não me transformaria em

uma idiota atrapalhada por nem mais um segundo. Olhei outra vez para seu crachá e apontei meu indicador para ele.

– Há muitas coisas que faço bem, *Carson*, e não me envergonho de nenhuma delas – rebati, inclinando-me na direção dele para que ele soubesse que eu não me sentia intimidada por suas insinuações sexuais descaradas.

Carson me encarou em silêncio por um momento, o brilho travesso ainda no olhar, então lentamente abriu um sorriso sexy enquanto seus olhos mergulhavam no meu decote.

– Aposto que sim.

Carson mordeu o lábio inferior e voltou a me encarar. Por um segundo fiquei olhando para ele como uma boba, porque senti meus mamilos se enrijecerem sob a blusa branca e não gostei nada disso. Iria ter uma conversa séria com o meu corpo mais tarde e deixar as regras bem claras. Com certeza não me permitiria ficar excitada com atores pornô que tentavam chocar e intimidar intencionalmente. O fato de que uma pequena parte dele me excitava estava me deixando furiosa. Vi os olhos de Carson voltarem a percorrer meu corpo, dessa vez até meus mamilos rígidos, bastante visíveis através do tecido fino da blusa, e o sorriso forçado aumentou. Fiquei vermelha de humilhação.

Deixei escapar um grunhido ao mesmo tempo furioso e frustrado e, pisando duro, me afastei de Carson Stinger, ator heterossexual.



Fui para o quarto e tomei uma ducha rápida a fim de me acalmar após o encontro com Carson no saguão. Quando esfriei a cabeça, saí do banho, vesti o biquíni novo preto e branco de crochê e fui para a piscina. Minha conferência só começaria na manhã seguinte, por isso planejava passar várias horas deitada me bronzeando, lendo e relaxando. A vida de uma estudante de direito não tinha muito espaço para descanso e lazer, por isso eu estava disposta a aproveitar o máximo possível.

Levei uns vinte minutos apenas para atravessar a área da piscina e decidir onde queria me sentar. Havia cinco pátios com piscinas, tendas luxuosas, guarda-sóis sobre cadeiras forradas com toalhas e fileiras de espreguiçadeiras – todas com o mesmo padrão mediterrâneo. O local era de tirar o fôlego, e me esforcei para não ficar boquiaberta diante de tanta opulência. Nunca vira nada parecido.

Meu pai era policial e criara sozinho a mim e às minhas duas irmãs depois de se divorciar da minha mãe. Nunca passamos necessidade, mas jamais sobrava dinheiro para viagens. Na verdade, eu nunca havia saído de Dayton, em Ohio, até ir para a faculdade.

Após tomar um drinque no bar, enfim me acomodei em uma espreguiçadeira com um pouco de sombra e comecei a passar protetor solar na minha pele pálida. Estávamos em junho, era verão no hemisfério norte, e o calor beirava os 30 graus. Como passara meses dentro de bibliotecas e salas de aula, com certeza me queimaria muito se não tivesse cuidado.

Recostei-me na espreguiçadeira, peguei meu livro e consegui ler apenas algumas páginas antes de meu celular tocar. O nome “Abby” apareceu na tela.

– Se você visse onde estou neste exato momento, ficaria com inveja – atendi, sorrindo.

Abby riu.

– Ora, oi. Se você visse onde *eu* estou, com certeza *não* ficaria com inveja nenhuma. Mas vou contar logo: sofá, coceira e uma visão adorável da minha pele toda besuntada de loção de calamina.

A pobre Abby fora queimada por urtigas ao fazer uma trilha com o namorado, Brian. *O negócio tinha sido feio*. Abby prosseguiu:

– Agora, quanto a você, deixe eu ver... Sinto cheiro de coco e ouço o bater suave de água com cloro... Está na beira da piscina com um drinque na mão?

– Bingo!

– Mas espere... O que é isso que estou vendo? Um livro de estudo nas mãos em vez de um romance ardente? Que horror! Por favor, me diga que estou enganada.

Olhei para o enorme livro em meu colo, *Série Conceitos e Insights: Direito administrativo*.

– Ah, pare com isso. Você sabe que preciso estudar nesse fim de semana se eu quiser ir muito bem no curso de verão. De qualquer forma, Abby, esse lugar é espetacular. De verdade. Tenho que trazer você aqui para ficarmos mais do que um fim de semana. E nos certificarmos de que seja um fim de semana *sem* trabalho, ok?

– Hummm. Conseguir passar um fim de semana com você sem trabalho? Não consigo acreditar. Mas sonhar não custa nada. O que acontece

em Vegas fica em Vegas, certo? O céu é o limite para a devassidão... Estou dentro.

– Certo – respondi, dando uma risada. – Falando nisso, há outra conferência acontecendo aqui. Você nunca adivinharia sobre o que é.

– Sobre o quê? Me conte.

Dei uma rápida olhada ao redor para me certificar de que ninguém estava ouvindo, então balancei a cabeça em sinal de reprovação. Eu estava em Las Vegas, ninguém ali sequer piscaria se eu dissesse a palavra “pornô”. Ainda assim, sussurrei:

– Uma convenção pornô.

Abby deixou escapar uma gargalhada alta.

– Ai, meu Deus, Grace! Você precisa pegar alguns autógrafos para mim. Por favor!

– O quê?! Autógrafo de quem?

– De ninguém específico! Só quero poder dizer que tenho um autógrafo de um ator pornô!

– Na verdade, eu esbarrei com um deles no saguão do hotel. Era um imbecil – falei.

– Por quê? O que ele falou?

– Argh! Ele fez algumas insinuações sexuais lamentáveis, então me olhou de um jeito que me deu vontade de correr para o chuveiro.

– Ele tinha o tipo de aparência sebosa como daquele ator pornô famoso, Ron Jeremy?

Fiquei em silêncio por um instante.

– Na verdade, não. O cara foi um babaca, com certeza, mas... – falei mais baixo até estar sussurrando: – Ele era sexy. Bem, eu não sabia que os atores pornôs eram assim. Acho que pensava que se a pessoa faz um trabalho desses... nem sei o que pensava. Mas ele com certeza não tinha a aparência que eu esperaria de um ator pornô.

– Ora, Grace, acho que você está ficando vermelha...

– Ah, pare com isso, você nem está me vendo.

– Ah, mas eu conheço você muito bem, garota, e tenho certeza absoluta de que está vermelha. Agora desligue esse celular e vá caçar um ator pornô gostoso. Aposto que ele ficaria muitíssimo feliz em lhe ensinar alguns truques novos no seu quarto hoje à noite.

– Ai, meu Deus, que horror, Abby! – gemi. – Não tocaria em um ator

pornô de jeito nenhum na vida. Muito menos em um com tão poucos neurônios como ele.

– Você não sabe se divertir.

– No que se refere a atores pornôs, não sei mesmo – falei e dei uma risada. – Agora, falando sério, você está bem?

– Sim, estou ótima. Brian vai chegar daqui a pouco e veremos como conseguimos ser sexy usando apenas nossas partes íntimas e nossos pés, que são os únicos lugares que não estão cobertos de loção.

Foi a minha vez de deixar escapar uma gargalhada alta.

– Ai, meu Deus, precisava me dar tanta informação? Bem, divirta-se. Vejo você no domingo, ok?

Ouvi o sorriso na voz de Abby quando ela respondeu:

– Ok, meu bem, nos falamos amanhã.

– Tchau, Abby – me despedi, ainda sorrindo.



Passei algumas horas na beira da piscina terminando de estudar e fazendo anotações para que pudesse revisar o material no avião na volta para casa. Embora eu estivesse estudando, o cenário me trazia uma sensação de luxo e opulência. Eu nunca fazia coisas assim. Vinha me esforçando como uma louca nos últimos cinco anos e mal tinha tempo para respirar, muito menos para ficar sentada na beira de uma piscina durante uma tarde inteira. Primeiro passei os quatro anos iniciais de faculdade com a cabeça enfiada nos livros, correndo atrás para ter as melhores notas e conseguir uma bolsa em uma das melhores faculdades de direito da minha lista. Quando atingi esse objetivo e entrei para a Georgetown, voltei a estudar como uma louca – mas, dessa vez, para terminar o curso lá em dois anos, fazer a prova para a Ordem dos Advogados, passar de primeira e ser recrutada por alguma das melhores firmas de direito em Washington. Esse era o plano. Eu sempre tinha um plano e *nunca* me desviava dele.

Recostei-me na espreguiçadeira e minha mente divagou várias vezes, sempre em direção a Carson Stinger, ator heterossexual. Ainda ficava incomodada ao lembrar como ele me irritara. E em dois minutos! O que fora aquilo, afinal? Eu nunca ficava irritada com ninguém. Não permitia que isso acontecesse. Eu era uma pessoa “inirritável”. Tinha orgulho de ser calma,

tranquila e disciplinada. De repente, um ator pornô que havia me olhado de forma indecente conseguira me deixar balbuciante, confusa e louca para sair correndo de perto dele? Ele era mais do que irritante. E o fato de ter me deixado excitada era ainda mais enlouquecedor. *Sinceramente, Grace, você está tão desesperada assim?* A ponto de um ator pornô bonito sussurrar algumas frases de conteúdo sexual *muito* desrespeitosas e sua calcinha logo ficar úmida? *Minha nossa!* Franzi, o cenho, olhando na direção do céu azul de Nevada. Coloquei os óculos escuros e fechei os olhos.

Depois de um tempo, me levantei e comecei a recolher minhas coisas. Meus ombros com certeza já estavam bem rosados, e eu precisava entrar e começar a pensar nos planos para o jantar. Tomar um coquetel antes de subir para o quarto parecia uma ótima ideia. Só havia tomado um único drinque, quando cheguei à piscina, e agora estava com calor e com sede. Mais um drinque parecia a coisa certa a fazer, por isso coloquei por cima do biquíni o vestido leve que levava na bolsa e segui na direção do bar do hotel. Quando passei pelo cassino pela terceira vez, olhei de novo ao redor, ainda impressionada com a variedade de mesas e máquinas de jogos, luzes e números piscando por toda parte. O som das risadas e o barulho das máquinas, misturando fichas e apitando, me deixaram fascinada. Era como se eu estivesse em outro mundo.

Suspirei de prazer quando entrei na área tranquila, silenciosa e elegante do saguão. Não estava muito cheio para um fim de tarde de sexta-feira. As pessoas ainda deviam estar na piscina ou se preparando para o jantar.

Sentei no bar e, quando o barman se aproximou e colocou um guardanapo diante de mim, pedi uma margarita com gelo e sem sal. Respirei fundo e sorri satisfeita, juntando as mãos à minha frente sobre o balcão.

– Sem sal? – perguntou uma voz alguns bancos adiante. – Quem pede margarita sem sal?

O sorriso abandonou meu rosto. Virei a cabeça e encarei o homem sentado à minha esquerda. *Sério?*

– Ora, se não é Carson Stinger, ator heterossexual – falei.

Gemi por dentro. *Não, Grace, não. Isso é bom. Você ganhou uma nova oportunidade de curar seu orgulho ferido. Saia dessa disputa por cima... digamos assim. Ai!*

Ele me encarava de um jeito estranho, esperando que eu dissesse alguma coisa, com uma expressão ao mesmo tempo divertida e observadora.

Ergui a sobrancelha antes de continuar:

– Se está pensando em dizer que tem algo gostoso e salgado para mim, por favor, controle-se.

Quando o barman colocou o drinque na minha frente, eu me virei outra vez e dei um longo gole.

Carson riu e, antes que eu me desse conta, caminhou na minha direção com uma cerveja na mão e se acomodou ao meu lado. Encarei-o, aborrecida.

– O que eu ia dizer, flor, era que você estava vacilando por pedir uma margarita sem sal. O legal do drinque é lamber o sal da borda do copo e depois tomar o líquido doce pelo canudo. O contraste entre o doce e o salgado na sua língua é muito, muito gostoso.

Ele se inclinou mais na minha direção e baixou a voz.

– Tente uma vez, só uma.

Ok, agora Carson estava tentando me provocar. E por quê? O que eu tinha feito para ele? Estreitei os olhos, ainda mais irritada porque as palavras dele tinham me excitado de novo. Meu corpo traiçoeiro gostava dessa maldita voz grossa e adocicada e das palavras propositalmente provocantes. *Corpo idiota!* Eu nunca mais deveria fazer sexo, só para punir meu corpo e suas reações absurdas e depravadas.

– Deixe eu lhe pagar uma – falou ele, os cantos da boca se erguendo em um sorriso. – É sério. Só uma margarita do meu jeito. Você pode fazer um teste e ver quem está certo. Podemos nos conhecer melhor. – Carson piscou.

Eu me virei para encará-lo e respirei fundo. Antes de começar a falar, abri um sorriso doce.

– Vou ser bem clara com você, Carson. E vou fazer isso porque estou certa de que o que vou dizer vai deixá-lo tão assustado que vou poder terminar meu drinque em paz e a gente vai se despedir como duas pessoas que se conhecem de vista e que não têm nada em comum.

Ele ergueu a sobrancelha. Eu juntei as mãos no colo, inclinei a cabeça um pouco para o lado e continuei:

– Sou o tipo de garota que quer se casar usando um enorme vestido branco e as pérolas da avó. Quero um marido que me ame e seja fiel. Quero que ele volte para casa toda noite e não quero ter que me preocupar se ele está *comendo* a secretária, porque ele será o tipo de homem honrado demais para fazer isso. Quero esperar um ano e então tentar engravidar do

primeiro dos dois filhos que acabaremos tendo, uma menina e um menino. E, quando tivermos esses filhos, não quero ter que olhar em seus rostinhos um dia e explicar por que o pai deles está na internet *tendo relações* com todas as mulheres, das universitárias safadas até as senhoras taradas, por dinheiro. Quando o meu filho fizer 6 anos, quero organizar uma festa com um tema de desenho animado sem ter que marcar a ocasião com uma explicação do que é “uma gozada na cara”. Tenho a impressão de que seus objetivos de vida são um pouco diferentes dos meus. E por “um pouco” quero dizer completa e absolutamente. Isso explica por que é uma perda de tempo ficarmos juntos?

Carson pensou por um instante, virou-se de volta para o balcão e tomou um gole da cerveja. Por fim, voltou a me encarar.

– Como fizemos esses dois filhos?

Franzi o cenho e respondi:

– Bom, talvez seja melhor repensar sua escolha de carreira se não sabe...

– O que quero dizer é em que *posição* fizemos esses dois filhos? Cachorrinho? Vaqueira invertida? A posição do Garfield, com você apoiada na janela? Circo voador? Borboleta? Na posição de lótus? Ou com os joelhos entrelaçados?

Fiquei boquiaberta. Então levantei a mão e disse:

– Chega! Ok, antes de tudo, não faço a menor ideia de como são algumas dessas posições e nem quero saber. Em segundo lugar, o que isso tem a ver com o que eu falei?

– Ah, acredite, você quer saber. Sabe por quê? Porque um dia, quando a nossa Princesinha estiver berrando às três da manhã, com a fralda suja, ou quando o Júnior for expulso da pré-escola por ter dado um soco no coleguinha, quero ser capaz de voltar ao momento em que os concebemos e sorrir ao lembrar o motivo pelo qual eles foram as melhores trepadas da minha vida, pois seja lá qual for a merda, literal ou figurada, com que eu tenha que lidar mais tarde, sei que terá valido a pena.

Senti minha boca voltar a se abrir contra a minha vontade.

– Você é nojento.

– Mas você teve um filho comigo. Duas vezes.

– Não tive nem terei um filho com você. Essa é a questão.

– Então vai abandonar a Princesinha e o Júnior assim? Que bela mãe...

Eu me levantei e joguei uma nota de 10 dólares sobre o balcão.

– Chega. Aproveite seu drinque, Carson Stinger. Estou ansiosa para vê-lo de novo... ahn... nunca mais – falei, então peguei minha bolsa e comecei a me afastar.

Carson ainda retrucou:

– Além do mais, flor, se você fizer o papel da secretária gostosa quando eu chegar em casa no fim do dia, não precisarei comer a secretária de verdade.

Ergui o braço e levantei o dedo do meio para ele. Ouvi uma gargalhada rouca atrás de mim, mas continuei andando.



Carson

Ouvi o barulho dos chinelos dela se afastando e tomei outro gole da cerveja. Pirralhinha mimada e irritada. Pirralhinha mimada, irritada e *gostosa*, mas, sem dúvida, mimada. Eu conhecia o tipo. Ficou toda indignada, ergueu o queixinho, disse por que era melhor do que eu e foi embora, mas vi o modo como o corpo dela reagiu. A garota me desejava. O que acontece com a maioria das mulheres, para ser sincero. Todos têm um dom – o meu é ter um corpo e um sorriso que deixam as calcinhas das mulheres úmidas. Por que ser humilde? Afinal, isso não é crédito meu, eu apenas sei usar os dotes que recebi. Mas essa garota, Grace Hamilton – eu vira o nome na etiqueta de bagagem dela –, jamais permitiria que eu ficasse com ela só porque é gostosa, pelo menos não agora que sabia o que eu fazia. Mas só o fato de o corpo dela reagir a mim deveria ter sido suficiente. Então por que esse pensamento não me deixava feliz? Era o que costumava acontecer. O que havia de diferente dessa vez? Bebi o resto da cerveja e franzi o cenho para a vitrine de garrafas atrás do bar, tentando resolver a charada.

Foi estranho... Eu seguia na direção do balcão da recepção para deixar uma mensagem ao meu agente, que chegaria de Los Angeles na manhã seguinte, e esbarrei em alguém. A cabeça dela bateu no meu peito, logo abaixo do queixo. Pude sentir o perfume de flores e limpeza nos cabelos louros dela, presos para o alto em um coque.

Quando a garota olhou para cima, na minha direção, ruborizada e ofegante, minha respiração pareceu ficar presa diante da beleza do rosto dela. Os olhos de Grace eram os maiores e mais azuis que eu já vira, o nariz era

pequeno e bonitinho e a boca era linda, grande, os lábios de um rosa suave com uma pequena curva em forma de arco no topo. Com certeza era bonita, linda mesmo. Mas eu via garotas bonitas o dia todo. Por que apenas um olhar para essa em particular me fez encará-la, numa tentativa de memorizar o rosto dela como se eu fosse um garoto apaixonado? Não tinha a mínima ideia. Ficamos parados por alguns instantes antes de nos afastarmos e dei uma olhada no corpo esguio dela, coberto por uma saia justa preta e uma blusa de seda branca. Adorei a roupa. *Professora gostosa*. Tive que olhar de novo para o rosto dela e percebi uma expressão cálida, um pouco confusa, cintilando nos olhos claros e cristalinos. Quase me perdi em seu olhar. *Quase*. E isso nunca havia acontecido antes.

Mas então ela viu o crachá idiota que eu me esquecera de tirar e percebi o desapontamento e a crítica em suas feições. Por isso resolvi deixá-la desconfortável de propósito e *senti prazer* na expressão de desprezo de Grace e depois na raiva que tomou conta de seu belo rosto. Senti prazer ao ver o modo como ela se afastara de mim pisando duro, balançando a bundinha tão bonita. E ela fizera algo semelhante no bar pelos mesmos motivos. Isso significava que eu tinha vencido, então por que não estava comemorando? Por que ainda estava sentado ali pensando no assunto sem parar? Pensando *nela*? Isso me irritava muito. O que eu precisava fazer era afastar de vez essa sensação – não importava o que ela significasse. A mesma sensação que me perseguia desde que esbarrara com Grace no saguão. Achei que eu deveria ir atrás de uma mulher disposta a ficar no meu quarto por algumas horas. Sim, pareceu um bom plano.

Quando eu já ia pagar o drinque no balcão, meu celular tocou. Olhei para a tela e atendi.

– Oi, Courtney – disse, já caminhando.

– Oi, Carson, meu amor. Tudo certo para segunda-feira de manhã? Vou mandar o endereço da locação e mais alguns detalhes para o seu e-mail. Consegue checar pelo celular?

– Sim, tudo certo. Aviso quando ler o e-mail.

– Ok, ótimo. Será no hotel Four Seasons de Beverly Hills. Uma cena na varanda seguida por outra no chuveiro.

Deixei escapar um gemido.

– Merda, Courtney! Só terei feito cinco filmes e dois deles tiveram cenas no chuveiro? Eu falei que tinha detestado o primeiro.

– Ah, por favor. Devo mesmo sentir pena porque você vai ter que *comer* Bambi Bennett no chuveiro? Pobrezinho.

Dava para sentir o sarcasmo destilado na voz dela.

– Merda, é constrangedor. Dois operadores de câmera e um de microfone naquele espaço minúsculo. De onde estou, não é tão excitante assim. Além do mais, *Bambi Bennett*? Minha nossa! Eu vou ser o quê, o cervo?

– Eu sei. É um nome idiota. Ela é nova no site. Dá uma checada. A Bambi é deslumbrante. Você deu sorte. Beijos! Me mande uma mensagem quando ler as informações. – E, dizendo isso, desligou.

Courtney era dona do site com o qual eu assinara contrato havia pouco tempo, o ArtLove.com. O objetivo da página era atrair o público feminino, o que mais vinha crescendo no que dizia respeito ao acesso de vídeos pornôs. A maioria das cenas era filmada em locações exóticas, e a produção encorajava os atores a parecerem apaixonados – diferente do tipo de pornô rápido e objetivo que os homens tendiam a gostar mais. Meu primeiro filme fora em Belize, em um chuveiro ao ar livre e, apesar do que possa ter parecido para o espectador, eu tinha passado o tempo todo torcendo para conseguir manter a ereção durante a cena. Uma equipe de filmagem formada por caras suados, todos cercando você, não era exatamente a realização de um sonho erótico, não importava quão bonita a garota fosse.

Mas, pelo jeito, depois de apenas uns poucos filmes, eu já tinha alguns fãs. Por isso, meu agente insistira muito para que eu participasse da convenção nesse fim de semana. Eu tinha recepcionado os participantes pelo máximo de tempo que conseguira suportar, então saíra discretamente do centro de convenções e esbarrara com a Srta. Nariz Empinado. Não que eu não apreciasse os fãs... acho que eu tentava não pensar muito neles porque eu era admirado por razões que, para ser sincero, me faziam pensar que era melhor não apertar as mãos deles.

Segui na direção dos elevadores com a intenção de subir para o quarto e me trocar para ir à piscina. Era o lugar mais fácil para arranjar mulher... uma que não se importasse em saber quem eu era nem o que eu fazia – e o sentimento seria mútuo.

– Ei, segure o elevador – pedi quando vi que um deles estava prestes a subir, as portas começando a se fechar.

Mostrei meu cartão-chave do quarto ao segurança parado na entrada dos elevadores.

Uma mulher mais velha colocou a bolsa entre as portas, que se abriram de novo, e entrei correndo. Agradei a ela e me virei para a frente.

– Deus está me testando – sussurrou uma voz suave.

Olhei para a esquerda e, duas pessoas adiante, descobri quem resmungara. Grace “Casamento Tradicional” Hamilton. Vai entender. Ri baixinho diante da expressão fechada dela pelo simples fato de eu estar compartilhando o mesmo espaço.

Inclinei o corpo para a frente e sorri para ela. Percebi que Grace tinha me visto pelo canto dos olhos pelo modo como endireitou o corpo, mas ela continuou olhando para a frente, na direção da porta.

A senhora ao lado de Grace – a mesma que segurara a porta do elevador – esticou o corpo e sorriu para mim, dando um breve aceno carregado de malícia. Foi tão bonitinho que eu ri e acenei de volta. Grace virou a cabeça rapidamente na minha direção e seus olhos se arregalaram quando fizemos contato visual, eu ainda sorrindo. Poucos segundos depois, ela tornou a olhar para a frente.

O elevador parou em vários andares e começou a esvaziar. Logo, só restamos eu, Grace e a senhora que segurara a porta para mim. Todos ficamos muito quietos, olhando para a frente.

No andar seguinte, a senhora se movimentou para sair do elevador. Eu e Grace recuamos no mesmo instante para deixá-la passar. Quando a mulher estava saindo, virou-se e piscou para mim. Então virou-se outra vez e piscou para Grace. Olhei para Grace, que estava com a cabeça inclinada e tinha um sorrisinho nos lábios belos e rosados, quando as portas voltaram a se fechar.

Então ela me fitou e o sorriso foi substituído pelo cenho franzido.

– Sabe... – comecei a dizer, mas minha voz falhou quando as luzes do elevador aumentaram de intensidade e sentimos um enorme solavanco. Grace deixou escapar um gritinho e eu falei: – Que merda é essa?

Com um tranco forte, o elevador parou e as luzes piscaram. Olhei para o outro lado do pequeno espaço e vi a expressão apavorada de Grace.

Estávamos presos.

capítulo 2

Grace

Quando o elevador deu um tranco e parou e as luzes piscaram mais uma vez, senti uma onda de medo me dominar. Não gostava nem um pouco de espaços pequenos. Eles me faziam lembrar... bem, me faziam lembrar algo em que eu não gostava de pensar. Respirei fundo e quase me joguei em cima do interfone. Abri a pequena porta de metal com força e peguei o fone. Apertei o zero e, enquanto aguardava, olhei para Carson, parado em um canto, apoiado contra a parede, me observando com atenção.

– Manutenção – disse uma voz brusca.

– Oi! Aqui quem fala é Grace Hamilton. Estou hospedada no hotel este fim de semana. Estamos presos em um dos elevadores. Ele parou de repente e...

Ouvi um estalo e a linha caiu, me calando. O som do pânico escapou da minha garganta e dei três longos passos até a minha bolsa, que eu havia deixado em um canto. Peguei o celular e olhei para as barrinhas no topo da tela. Sem serviço. *Merda!*

Voltei a fitar Carson, que ainda me encarava, imóvel, observando-me com uma expressão indecifrável.

– Não fique parado aí! Estamos presos! Faça alguma coisa!

Comecei a respirar com dificuldade e meu coração disparava no peito. Levei os dedos ao pescoço e senti a pulsação muito acelerada. Tentei inspirar fundo, mas de repente minha garganta parecia estar se fechando. *Não consigo respirar. Ah, meu Deus, não consigo respirar.*

Cambaleei contra a parede e fiz contato visual com Carson, que agora vinha em minha direção com o cenho franzido. Agarrei a barra que ficava presa à parede atrás de mim, certa de que estava prestes a morrer asfíxiada

naquele elevador e de que a última pessoa que veria seria Carson Stinger, ator homossexual. *Ah, não, não, não, não. Desse jeito, não.*

– Ei, fique calma, flor – disse ele com um tom tranquilo, segurando meus dois braços do mesmo jeito que fizera quando havíamos esbarrado um no outro no saguão do hotel. – Respire fundo. Você está bem. Vão nos tirar daqui, ok? Só respire fundo. Mantenha os olhos fixos nos meus.

Pisquei várias vezes enquanto o rosto dele oscilava à minha frente, minha respiração saindo em arquejos ásperos enquanto eu me esforçava para inalar algum oxigênio.

– Merda, flor, vamos lá. Você não vai desmaiar em cima de mim neste elevador. Respire fundo.

Ficamos nos encarando por vários minutos, a expressão de Carson cada vez mais preocupada enquanto ele observava meu esforço para respirar.

Ah, meu Deus! Ah, Deus! Ar, ar!

Carson se afastou e começou a olhar ao redor, os olhos arregalados, em pânico, procurando algo que eu não fazia ideia do que era. Ele correu até o interfone, botou o fone no ouvido, escutou por um instante, então o bateu com força no gancho e chutou a porta.

– Merda!

Estou morrendo. Ah, meu Deus, por favor, ar.

Carson se virou de novo para mim e meus olhos lacrimejavam com o esforço de aproveitar o pouco de oxigênio que conseguia passar pelo espaço estreito que restara na minha garganta. Eu tinha certeza de que estava ficando azul.

– “Sister Christian, oh, the time has come!” – disparou Carson de repente.

Mesmo no meio de um ataque de pânico, fiquei estupefata. *Que diabos...*

– “And you know that you’re the only one to say, okay.”

Carson recuou um passo e meus olhos o seguiram, minha respiração ainda presa na garganta inchada enquanto eu lutava para deixar o ar entrar nos pulmões.

Ele apontou para mim.

– “Where you going, what you looking for?”

Que diabos ele estava fazendo? Que diabos aquele homem estava fazendo? Ah! Um pouco de ar. Isso é bom, Grace.

– “You know those boys don’t want to play no more with you. It’s true.”

Ao dizer as duas últimas palavras da estrofe, Carson baixou o queixo e me encarou.

Melhor, melhor. Mais ar, melhor. Ok, eu estou bem. Por que ele está cantando enquanto estou quase morrendo aqui? Carson tem uma bela voz... grossa e um pouco rouca. Uma bela voz mesmo... Uma voz sexy. Ah, ar.

Minha respiração se acalmou um pouco e percebi que o instrumental da música “Sister Christian” estava no sistema de som ambiente. Carson estava cantando junto com a música do elevador. E cantando bem. *Para me distrair do meu ataque de pânico.* E funcionou.

Inspirei uma grande quantidade de ar e minha visão começou a clarear, agora que eu o observava. Carson estava no meio do elevador e, quando um solo de bateria entrou, ele começou a tocar furiosamente uma bateria imaginária, fechando os olhos e balançando a cabeça no ritmo, mordendo o lábio inferior.

– “You’re motoring! What’s your price for flight? In finding Mister Right? You’ll be alright, tonight.”

Não consegui me controlar e dei uma risadinha. Quando Carson ouviu, seus olhos se abriram de repente e ele me encarou, o alívio inundando seu rosto antes que ele abrisse um sorriso. Foi o mesmo sorriso que quase me derrubara quando ele o dirigira à senhora do elevador. *Era de verdade.* E uma intuição me dizia que esse gesto era raro.

A expressão de Carson ficou séria quando ele caminhou na minha direção, cantando devagar:

– “Babe, you know you’re growing up so fast. And mama’s worrying that you won’t last to say ‘let’s play.’”

Ao cantar as últimas palavras, Carson levou o punho aos lábios, fingindo que era um microfone, então o colocou na frente da minha boca.

Fiquei confusa por um instante, mas a adrenalina já disparava pelo meu corpo diante do doce alívio que era sentir o ar entrando livremente nos pulmões. Por isso, fiz algo que nunca faria sob circunstâncias normais. Agarrei o punho dele e cantei também:

– “Sister Christian, there’s so much in life. Don’t you give it up before your time is due, it’s true.”

Então Carson se inclinou para a frente e continuamos a cantar, agora juntos:

– “It’s true, yeah.”

Ele pulou para trás e tocou de novo a bateria imaginária. Então voltou a saltar para a frente e cantou comigo diante do punho fechado.

– “Motoring! What’s your price for flight? You’ve got him in your sight and driving through the night.”

Nossos rostos agora estavam a poucos centímetros de distância e eu podia sentir o hálito de Carson, com cheiro de menta, enquanto continuávamos a cantar:

– “Motoring! What’s your price for flight? In finding Mister Right? You’ll be alright tonight.”

Carson voltou a se afastar de mim e, dessa vez, simulou um solo de guitarra, movendo os quadris para a frente a cada dedilhada, girando-os junto com as cordas. Eu o observava às gargalhadas, rindo daquela palhaçada.

Carson sorriu para mim enquanto repetia o refrão. Então, conforme a música ficava mais lenta, ele começou a caminhar bem devagar na minha direção outra vez, cantando:

– “Sister Christian, oh the time has come. And you know that you’re the only one to say, okay. But you’re motoring. You’re motoring, yeah.”

Carson parou de cantar e ficamos nos encarando, a respiração dele agora mais arquejante do que a minha, por causa da encenação com a guitarra imaginária.

Minha respiração tinha voltado a ficar firme e estável, enquanto o peito de Carson subia e descia de forma alucinada. Percebi a natureza bizarra da situação e caí na gargalhada. Ele também. Quando paramos de rir, Carson inclinou a cabeça um pouco para o lado e disse:

– Se queria me ouvir cantar, flor, era só ter pedido.

Sorri, assenti e então o encarei, séria.

– Obrigada pelo que fez. Quem poderia imaginar que uma música do Night Ranger seria capaz de curar ataques de pânico? Mas funcionou. Obrigada – falei e respirei bem fundo.

Ele assentiu, também sorrindo.

Então viramos rapidamente para o interfone, que começou a tocar.



– Alô? – atendeu Carson.

Eu fiquei encarando-o de olhos arregalados enquanto ele falava.

Depois de ouvir por um instante, Carson gemeu.

– Tanto tempo assim? Não há nada que possa ser feito para que essa peça chegue mais rápido aqui? – Ele voltou a ouvir. – Sim, está certo. Poderia nos manter informados? – E desligou.

– O que disseram? – perguntei.

– A boa notícia é que sabem que estamos aqui, sabem qual é o problema e a peça necessária para o concerto já está a caminho. A má notícia é que ela vai demorar duas horas para chegar.

– Duas horas? – guinchei. Respirei fundo. – Duas horas? – repeti, agora com mais calma. – Vamos ter que ficar sentados aqui por duas horas?

– Parece que sim – disse ele, indo até a parede e deslizando o corpo até cair sentado no chão, com as pernas dobradas e os cotovelos apoiados nos joelhos.

Eu o encarei por um tempo, então voltei para o meu lado do elevador. Também me sentei no chão, dobrei os joelhos para um lado e olhei para Carson enquanto puxava o vestido até os tornozelos, cobrindo as pernas. Os olhos de Carson foram das minhas pernas para os meus olhos. Vi quando ele franziu o cenho antes de assumir uma expressão despreocupada e erguer as sobrancelhas, sorrindo de forma sugestiva.

– Muita coisa pode ser feita em duas horas, flor. Alguma ideia?

E ele estava de volta. Carson Stinger, ator heterossexual. Inclinei a cabeça para o lado e o encarei com os olhos semicerrados.

– Por que faz isso? – perguntei.

Ele passou os dentes pelo lábio inferior e pareceu entediado.

– O quê?

– Por que sempre coloca essa... *máscara* de “só penso em sexo”?

Carson me encarou com uma expressão pensativa por um instante.

– Máscara? Eu estaria usando uma máscara se estivesse tentando esconder algo. O que seria?

Olhei para o lado e dei de ombros.

– O cara que acabou de fazer papel de doido cantando “Sister Christian” para me ajudar a lidar com uma situação ruim?

Ele deu uma risadinha.

– Fiz apenas o necessário para que você não caísse dura aqui. Se tenho que ficar preso em um elevador prefiro que não seja com um cadáver. Faço muita coisa doida, mas necrofilia não é uma delas.

– Argh! Meu Deus, você é mesmo... – Mordi o lábio por um instante, pensativa. – Quer saber? Não vou cair nessa. Está blefando, Carson Stinger. Você é uma fraude – falei e comecei a examinar as unhas.

Ele riu, parecendo achar que o que eu dissera tinha sido de fato divertido.

– Ora, quem você pensa que é, flor? Me conhece assim tão bem depois de estar comigo por... – ele consultou o relógio no pulso – quinze minutos?

– Você está certo. Não sei nada a seu respeito. Só de uma coisa: você é uma fraude. Pode chamar de intuição.

Ele me encarou por um instante, os olhos estreitados mais uma vez, o maxilar cerrado. Então dobrou as pernas longas e musculosas e cruzou um tornozelo sobre o outro enquanto continuava a me encarar.

– O que eu acho é que você está a fim de mim. E está tentando enxergar o cara bom e sensível que eu *não* sou para que, assim, quando você arrastar o corpo por esse elevador e subir no meu colo, possa justificar suas atitudes para si mesma.

Fiquei engasgada com a minha própria risada e me ajoelhei, encarando-o com raiva.

– Seu babaca arrogante! A única forma de eu me arrastar para *qualquer lugar* perto de você seria se minha vida dependesse disso.

Continuei a encará-lo, irritada, por um longo instante e voltei a me sentar sobre os calcanhares. Apontei para Carson.

– Espere aí! Você está fazendo de novo. Viu só? É a máscara. Você me deixa furiosa e me faz esquecer o que eu estava falando. Que é: você é uma fraude.

– Ainda pensando nisso, Dona Psicóloga? Muito bem, então. E quanto a você, Srta. Princesa Perfeita? O que está escondendo por trás desse cabelo, preso de um jeito tão apertado que quase machuca a sua cabeça, e dessa sua atitude de superioridade e arrogância?

– Superioridade e arrogância? – repeti em tom zombeteiro. – Quase nunca ajo dessa forma. E também não sou perfeita.

– Ah, não sei, não. Eu acho que isto é exatamente o que você é: perfeita. Por quê? Por que você precisa ser tão perfeita? O que está reprimindo tanto que assim que perde o controle nem sequer consegue respirar? O que há debaixo da *sua* máscara?

Ri exageradamente alto, para deixar claro quão ridículo ele estava sendo.

– *Minha* máscara? Faça-me o favor. Agora é você que está inventando coisas para me distrair. O que você enxerga em mim é o que eu sou, *Carson*. Eu dificilmente usaria uma máscara. Já você...

Ele voltou a me encarar em silêncio por um instante, parecendo ao mesmo tempo pensativo e cauteloso.

– Ok, então, flor. Tenho uma proposta. O que acha de fazermos um jogo? Um arremesso por um segredo. Não temos mesmo muita coisa para fazer aqui. Ainda mais se está fora de cogitação que você se jogue no meu colo.

– Isso *nunca* foi uma possibilidade. Quais são as regras desse jogo?

– Você tem uma xícara, uma tigela ou algo parecido na sua bolsa?

Dei uma risada e ergui a sobrancelha.

– Não. Esse não é o tipo de coisa que eu carregue por aí. – Abri a bolsa e olhei lá dentro. – Que tal a tampa do meu spray de cabelo?

Peguei a tampa e mostrei-a para ele. Era de plástico, mais ou menos do tamanho de um copo. Estendi o objeto para Carson.

– Vai servir – disse ele, pegando-a da minha mão.

Carson enfiou a mão no bolso de trás da calça, pegou uma moeda e me entregou. Então colocou a tampa em um canto do elevador e ficou de pé na quina oposta. Ele prosseguiu:

– A regra é: se uma pessoa acertar a moeda dentro da tampa, a outra tem que revelar um segredo sobre si mesma. Sem mentiras. Sem inventar nada. Um segredo de verdade, genuíno... algo que nunca tenha contado a ninguém.

Cruzei os braços e mordi o lábio. Olhei da tampa em um canto para Carson no outro.

– É impossível acertar. A distância, o tamanho da tampa. Não dá.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Topa ou não?

Bufei.

– Está bem. Pode ser.

Ele fez uma pausa.

– Espere. Você concorda com as regras?

– Sim, sim, um segredo a cada acerto. Estou dentro.

Eu sabia que era impossível, então qual seria o problema? Aceitaria o jogo dele.

Carson ergueu a moeda, mirou, moveu o corpo um pouco para a direita e jogou-a com uma expressão de pura concentração. A moeda acertou direto o alvo, que nem balançou. Uma “cesta” de verdade. *Que diabos...?*

– Você trapaceou! – soltei. – Isso é impossível!

Carson riu.

– Trapaceei? Como diabos eu trapaceei? De jeito nenhum! Não tente se safar. Você me deve um segredo, flor. Vamos ouvi-lo.

Ele apoiou o ombro contra a parede do elevador, cruzou os braços e inclinou o queixo para baixo, me encarando com expectativa.

Olhei para Carson, irritada.

– Devo dizer que não é assim tão fácil! Não tenho nenhum segredo.

Levantei os braços e os deixei cair outra vez. Ele continuou a me encarar sem dizer nada, o rosto agora sem expressão.

– Então me conte por que você é tão perfeita, flor.

Deixei escapar um gemido de desprezo, cruzei os braços mais uma vez e olhei para outro lado. Pensei sobre a pergunta de Carson. Esta era mesmo a imagem que eu passava? De *perfeita*? Eu me achava o mais distante possível da perfeição. Estava sempre tentando não estragar as coisas... tentando ser o *suficiente*... tentando compensar...

– Meu pai já teve muitas decepções na vida. Estou só tentando não decepcioná-lo também – falei de repente.

Carson inclinou a cabeça, os olhos se enchendo de... *alguma coisa*. Afastei o olhar.

– Enfim, é só isso. Meu pai já passou por maus bocados. Só quero que ele sinta orgulho de mim. É tão esquisito assim?

– Que tipo de decepções o seu pai teve? – perguntou Carson em voz baixa.

Fiquei olhando para a parede por um longo tempo, súbita e *inexplicavelmente* querendo dizer o que falei a seguir:

– Quando eu tinha 11 anos, meu irmão caçula morreu por causa de um linfoma não Hodgkin. Era o único filho homem do meu pai. Tenho mais duas irmãs. – Olhei para as minhas unhas e fiquei examinando-as antes de voltar a falar: – Meu pai é policial... um homem que gosta de estar cercado de outros homens, fazendo coisas que os homens gostam de fazer juntos. Acho que eu e minhas irmãs sempre sentimos que talvez... talvez...

– Que talvez uma de *vocês* fosse dispensável porque havia outras duas de reserva? – completou Carson, ainda em um tom baixo e tranquilo.

Olhei rapidamente para ele e ficamos apenas nos encarando por vários segundos. Nunca tinha pensado nisso dessa forma, mas...

– Talvez. Sim.

Carson assentiu, ainda me fitando. Então foi até a tampa, pegou a moeda e estendeu-a para mim.

– Sua vez.



Carson

Minha garganta ficou seca e senti uma comichão estranha quando Grace me contou sobre o irmão e o pai. Não parei para refletir sobre essa sensação. Nunca conversara de verdade com ninguém sobre *emoções*, a não ser com a minha avó. Mas ela morreu quando eu tinha 17 anos e, desde então, isso nunca mais havia acontecido. A princípio, eu tinha sugerido esse jogo para desestabilizar Grace. Eu era capaz de jogar uma moeda dentro de um copo a uma distância muito maior do que a extensão de um elevador. Tinha horas e horas de prática. Treinei esse tipo de arremesso quando quis distrair a cabeça enquanto esperava minha mãe sair do estúdio de filmagem.

Mas então Grace se abriu comigo e, de repente, *eu* é que fiquei desestabilizado.

Entreguei a moeda a Grace e recuei. Ela me olhou irritada, posicionou-se no canto oposto ao da pequena tampa e se preparou para arremessar, sorrateira.

Examinei-a enquanto ela mirava. Droga, era mesmo uma garota linda. Sexy, mas com uma beleza clássica que me fazia querer ficar encarando a perfeição de seus traços. Era esguia, mas tinha curvas nos pontos certos. Exatamente como eu gostava. Eu sabia que também seria bonita assim quando estivesse saindo do banho pela manhã sem um pingote de maquiagem. Meu corpo se inquietou diante dessa imagem. *Merda, eu não preciso disso*. Mordi a língua para me distrair das imagens de Grace saindo do chuveiro. Nesse momento, ela arremessou a moeda. Acompanhei o arco de lançamento e vi quando atingiu em cheio o alvo.

Dei uma risada alta quando Grace deixou escapar um grito de alegria e jogou os braços para cima comemorando a vitória. Espere um instante, merda, isso *não* foi nada engraçado. Mesmo assim, a expressão de pura empolgação no rosto dela me fez ter vontade de levantá-la do chão e abraçá-la. Até eu me lembrar que não sou do tipo que abraça. Ninguém. Nunca.

Suspirei e tentei parecer o mais entediado possível.

– Ok. O que quer saber sobre mim?

Grace inclinou a cabeça para o lado, semicerrou os olhos e passou os dentes pelo lábio inferior carnudo de um modo que me fez morder a língua de novo.

Ela voltou para o lado do elevador em que estava antes, deslizou o corpo pela parede até se sentar no chão, abraçou as pernas e cobriu-as com o vestido que usava, como já havia feito. Esperei.

– Um segredo que você nunca contou a mais ninguém, certo?

Assenti.

– Ok, por que trabalha como ator pornô?

– A resposta para essa pergunta não é bem um segredo. É divertido e paga muito bem.

Grace franziu as sobrancelhas delicadas e ficou me encarando por um instante.

– Sério, Carson, *de verdade*, por que trabalha como ator pornô? – perguntou.

Dei uma risadinha.

– Nem todo mundo que trabalha com pornografia teve uma infância horrível e um passado sombrio. A indústria hoje em dia é muito diferente do que costumava ser. Há várias medidas de segurança estabelecidas...

Ela continuou a me encarar em silêncio.

Suspirei e também me acomodei no chão. Estava mesmo considerando me abrir com essa estranha? Com essa princesa? Fiquei sentado, virado para a parede à minha frente por um ou dois minutos até que, quase contra a minha vontade, comecei a falar:

– Minha mãe era atriz pornô nos anos 1980. E ficou grávida... pelo que sei, isso não acontece com frequência, mas, quando acontece, costumam se livrar da gravidez bem rápido. Ela decidiu não abortar. Sou o filho bastardo de qualquer um entre uma centena de caras contratados. O que acha desse conto de fadas, flor?

Os olhos se arregalaram e seus lábios se entreabriram, formando um “o” silencioso. Ficamos nos encarando em silêncio por um tempo.

- Isso não explica o fato de você trabalhar no mesmo ramo agora.
- Praticamente nasci para fazer isso, gata. Criado na luxúria e no pecado. Destinado a fazer o mesmo.
- Não é culpa sua a forma como você foi...

E que eu seja amaldiçoado se esses grandes olhos azuis não estavam carregados de piedade. Senti algo se apertar dentro do meu peito de um modo que não gostei.

- Não, e não é culpa sua ter uma boquinha linda, mas, se você deslizesse até aqui, talvez pudéssemos fazer uso dos dons que nos foram dados por Deus, e, com certeza, as próximas duas horas passariam um pouco mais rápido. – Ergui as sobrancelhas.

Grace me encarou, o rosto vermelho.

- É por isso que age assim. Você usa essa máscara babaca, de que busca sexo fácil, para esconder que tem vergonha de quem é.

Dei uma risada.

- Minha pequena psicóloga em ação outra vez. Me diga, aonde conseguiu seu diploma? Ah, claro. Na Universidade da Bobagem. Me diga uma coisa, flor, você é assim tão boa em se autodiagnosticar? Consegue perceber que esse showzinho de princesa perfeita é apenas uma tentativa de compensar o fato de que acha que *you* deveria ter morrido no lugar do seu irmão? Mas sabe de uma coisa? Foi seu irmão que morreu. E nem toda a palhaçada de princesa perfeita do mundo será capaz de mudar isso.

Grace abafou um arquejo, os olhos cheios de mágoa. Fiquei me sentindo um babaca na mesma hora.

- Seu *bastardo idiota!* – sibilou ela, ajoelhando-se e se arrastando assim na minha direção, a raiva quase na mesma hora tomando o lugar da mágoa que eu vira pouco antes em seu olhar.

Também fiquei de joelhos, a palavra “bastardo” fazendo meu peito se apertar. Ela usara contra mim o que eu tinha contado e não gostei da sensação.

- Hipócrita – sibilei de volta.
- Promíscuo!
- Nossa, muito criativa, Rainha da Neve!

Nós nos encontramos no meio do elevador, ambos de joelhos, o pescoço dela erguido para me encarar, a fúria dominando suas feições. Eu sabia que a minha expressão dizia o mesmo.

– Seu merda!

– Vendida.

Grace cerrou os punhos e manteve os braços rígidos ao lado do corpo, deixando escapar um grunhido frustrado e furioso. Eu me inclinei um pouco para a frente, desafiando-a a me bater.

E, de repente, estávamos nos beijando. Um beijo duro, furioso, nossas mãos por toda parte, tateando e agarrando. E que Deus me protegesse, porque Grace tinha gosto de sol e de tudo de mais doce e fresco que esse mundo tem a oferecer.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br